

Mentoria Seja Tester

Academy – Aula 8

Gerenciamento das Atividades de Teste



Sumário

Quais assuntos vamos aprender nessa aula?

- O que é um Plano de Teste e para que serve?
- Como o Testador participa do planejamento no dia a dia?
- O que são Critérios de Entrada e Saída?
- Como saber quanto tempo/testadores vamos precisar?
- Como decidir a ordem dos testes?
- O que é a Pirâmide de Teste?
- O que são os Quadrantes de Teste?



Sumário

Quais assuntos vamos aprender nessa aula?

- Gerenciamento de Riscos
- Atividades principais de Gerenciamento de Riscos
- Tipos de Riscos no Teste de Software
- Analisando Riscos do Produto
- Controlando os Riscos do Produto
- Monitoramento, Controle e Conclusão do Teste
- Métricas usadas em Testes (ou seja, como medir o que está acontecendo)



Sumário

Quais assuntos vamos aprender nessa aula?

- **Relatórios de Teste:** Para que servem, o que têm e para quem são
- **Como comunicar o andamento dos testes**
- **Gerenciamento de Configuração (CM)**
- **Gerenciamento de Defeitos**





O QUE É UM PLANO DE TESTE E PARA QUE SERVE?

Imagine que você vai fazer uma reforma na sua casa. Você precisa planejar: o que será feito, quem vai trabalhar, quanto vai custar, quanto tempo vai levar, etc. Com testes de software é a mesma coisa, a gente faz um plano antes de começar.

Esse plano ajuda a:

- Organizar o que precisa ser feito nos testes.
- Garantir que os testes vão seguir os objetivos definidos.
- Comunicar a equipe sobre o que será feito.
- Mostrar se vamos seguir as regras da empresa ou se precisaremos adaptar algo.





O QUE É UM PLANO DE TESTE E PARA QUE SERVE?

O plano costuma ter:

- O que será testado, por quê, e com que limitações.
- Quem está envolvido e quais são suas funções.
- Como será a comunicação entre a equipe.
- Os riscos que podem atrapalhar o projeto.
- Como serão feitos os testes.
- Quanto tempo e dinheiro será necessário.





COMO O TESTADOR PARTICIPA DO PLANEJAMENTO NO DIA A DIA?

Em projetos que funcionam por etapas (como capítulos de uma novela), temos dois momentos de planejamento:

- **Planejamento da Entrega:** É o planejamento geral. Aqui, os testadores ajudam a escrever os objetivos (como “essa função precisa fazer X”), pensam nos riscos, e estimam quanto trabalho de teste será necessário.
- **Planejamento da Etapa:** É o planejamento de uma parte menor. Os testadores analisam o que será testado, se está testável, quebram isso em pequenas tarefas e veem o quanto vai dar de trabalho.





O QUE SÃO CRITÉRIOS DE ENTRADA E SAÍDA?

- **Critério de Entrada:** é como a receita de um bolo. Só dá pra começar se tiver todos os ingredientes. No teste, só começamos se tivermos as pessoas, ferramentas, tempo, dados e informações necessárias.
- **Critério de Saída:** é o que determina que o teste terminou. Exemplo: todos os testes planejados foram feitos, os defeitos encontrados foram registrados, e o que precisava ser corrigido foi resolvido.

Em projetos ágeis, usamos dois termos parecidos:

- **Definition of Ready (DoR):** o que precisa estar pronto antes de começar a desenvolver/testar.
- **Definition of Done (DoD):** o que precisa estar completo para dizer que a tarefa terminou.



COMO SABER QUANTO TEMPO/TESTADORES VAMOS PRECISAR?

Existem várias formas de fazer isso:

- **Baseado em projetos antigos:** se em um projeto anterior gastamos 400 horas pra testar algo parecido, podemos usar isso como referência.
- **Baseado nos dados atuais:** se já começamos o projeto e temos dados das etapas anteriores, podemos usar esses dados para prever o restante.
- **Wideband Delphi:** especialistas fazem uma estimativa individual, comparam, discutem e ajustam até chegarem num número comum. O “Planning Poker” é uma forma divertida e rápida de fazer isso em equipe.
- **Três pontos:** fazemos três estimativas, uma otimista, uma provável e uma pessimista, e tiramos uma média ponderada. Isso ajuda a ter uma noção do melhor e do pior cenário.



COMO DECIDIR A ORDEM DOS TESTES?

Não dá pra testar tudo ao mesmo tempo, então organizamos a ordem com base em:

- **Risco:** testamos primeiro o que pode causar mais prejuízo se der errado.
- **Cobertura:** testamos primeiro o que cobre mais partes do sistema.
- **Importância dos requisitos:** testamos primeiro o que é mais importante para os usuários.

Também temos que considerar dependências (um teste só pode rodar se outro tiver rodado antes) e a disponibilidade de pessoas, ambientes e ferramentas..





O QUE É A PIRÂMIDE DE TESTE?

Pense numa pirâmide com três andares:

- **Base – Testes pequenos (testes de unidade):** são rápidos, testam pedaços pequenos do sistema (como se testasse uma engrenagem de um relógio).
- **Meio – Testes médios (integração):** testam a comunicação entre esses pedaços.
- **Topo – Testes grandes (testes de interface):** simulam como um usuário usa o sistema todo.

Quanto mais para cima na pirâmide, mais complexos e lentos são os testes. Por isso, fazemos muitos testes pequenos e poucos testes grandes.





O QUE SÃO OS QUADRANTES DE TESTE?

É uma forma de organizar os testes em 4 grupos, combinando tecnologia x negócio e ajudar a equipe x avaliar o produto:

- **Q1 – Técnico e ajuda a equipe:** testes bem técnicos que garantem que os pedaços do sistema funcionam e podem ser automatizados.
- **Q2 – Negócio e ajuda a equipe:** verificam se o sistema faz o que o cliente quer (critérios de aceite). Podem ser automáticos ou manuais.
- **Q3 – Negócio e avalia o produto:** são os testes feitos como se fosse o usuário final. Normalmente são manuais (ex: teste de usabilidade).
- **Q4 – Técnico e avalia o produto:** checa se o sistema está rápido, seguro, estável. Costumam ser automatizados.





GERENCIAMENTO DE RISCOS

Toda empresa, ao tentar atingir seus objetivos (como lançar um novo produto ou terminar um projeto), enfrenta situações incertas. Pode ser que tudo dê certo... ou pode ser que algo saia do controle. A isso damos o nome de risco.

O que é Gerenciar Riscos?

Gerenciar riscos é como se preparar para uma viagem: você verifica a previsão do tempo, confere os pneus do carro, leva um casaco extra e traça rotas alternativas. Tudo isso para evitar problemas ou saber o que fazer se eles acontecerem.

Fazendo isso numa empresa, ela aumenta as chances de dar tudo certo, melhora a qualidade do que entrega e ainda passa mais confiança para os clientes e parceiros.





ATIVIDADES PRINCIPAIS DE GERENCIAMENTO DE RISCOS

1. Análise de risco: descobrir quais são os possíveis problemas e o quanto eles podem atrapalhar.

2. Controle de risco: tomar ações para evitar ou reduzir esses problemas, e ficar de olho neles.

Quando usamos essas ideias para planejar e organizar os testes de software, chamamos isso de teste baseado em riscos.

O que é um Risco? Um risco é qualquer coisa que pode dar errado e trazer prejuízos. Para entender um risco, olhamos dois fatores:

- **Probabilidade:** quão provável é que o problema aconteça.
- **Impacto:** o tamanho do estrago caso ele aconteça.

Quanto mais provável e mais grave for o risco, mais atenção ele merece.





TIPOS DE RISCOS NO TESTE DE SOFTWARE

Riscos do Projeto: São os que atrapalham **a organização e o andamento do projeto**. Exemplos:

- Problemas na empresa (atrasos, falta de dinheiro, cortes).
- Equipe sem preparo, com conflitos ou pouca gente.
- Ferramentas com defeito ou mudanças no escopo.
- Fornecedores que não entregam o combinado.

Esses riscos podem atrasar o projeto ou fazer ele sair mais caro que o planejado.





TIPOS DE RISCOS NO TESTE DE SOFTWARE

Riscos do Produto: São problemas no sistema ou aplicativo que está sendo criado. Exemplos:

- Função que não faz o que deveria.
- Cálculos errados.
- Sistema lento ou com erros na hora de usar.
- Falhas de segurança.
- Interface difícil de usar.

Se isso acontecer, pode causar:

- Clientes insatisfeitos
- Perda de dinheiro ou reputação.
- Multas ou problemas legais.
- Em casos extremos, até danos físicos a pessoas..



ANALISANDO RISCOS DO PRODUTO

Antes de começar os testes, é importante **pensar nos riscos** com antecedência. Isso ajuda a focar os testes nas partes mais importantes e perigosas.

Essa análise tem duas partes:

1. **Identificar os Riscos:** Fazer uma lista de tudo que pode dar errado. Isso pode ser feito em grupo, com brainstorming, entrevistas, diagramas etc.
2. **Avaliar os Riscos:** Depois de listar, é hora de organizar:
 - Categorizar (por tipo de risco).
 - Medir a probabilidade e o impacto.
 - Calcular o nível do risco.
 - Decidir quais riscos serão tratados primeiro.
 - Pensar no que pode ser feito para evitar ou reduzir esses riscos.



ANALISANDO RISCOS DO PRODUTO

A avaliação pode ser feita:

- **Quantitativamente:** transformando tudo em números (ex: 80% de chance, impacto 5).
- **Qualitativamente:** usando uma matriz simples para indicar se o risco é baixo, médio ou alto.

Com isso, podemos:

- Definir o que será testado.
- Escolher os tipos de teste.
- Escolher como testar (ferramentas, técnicas).
- Estimar o tempo e esforço para os testes.
- Priorizar os testes mais importantes.
- E até pensar em outras ações fora do teste para reduzir o risco.





CONTROLANDO OS RISCOS DO PRODUTO

Depois que os riscos são identificados e avaliados, é hora de agir!

O que é controle de riscos? Significa **tomar atitudes para reduzir os riscos** (mitigação) e **acompanhar se essas atitudes estão funcionando** (monitoramento).

O que posso fazer com um risco?

- Mitigar (reduzir) o risco com testes bem planejados.
- Aceitar o risco, se for pequeno.
- Transferir o risco (por exemplo, terceirizar a parte arriscada).
- Ter um plano B (plano de contingência), caso o risco aconteça.





CONTROLANDO OS RISCOS DO PRODUTO

Como os testes ajudam a reduzir riscos?

- Escolher testadores experientes.
- Ter uma equipe independente para testar (sem envolvimento direto na construção).
- Fazer revisões e checagens no código antes de rodar o sistema.
- Usar boas técnicas de teste e garantir boa cobertura.
- Testar as partes críticas, como segurança, desempenho e usabilidade.
- Fazer testes automáticos e de regressão, para garantir que nada quebrou depois de mudanças.



MONITORAMENTO, CONTROLE E CONCLUSÃO DO TESTE

Quando estamos testando um sistema (como um site, aplicativo ou software), é importante acompanhar o que está sendo feito e como está indo. Isso nos ajuda a saber se estamos no caminho certo e se tudo está funcionando como deveria.

Monitoramento dos Testes: Monitorar significa “observar e acompanhar”. No teste, isso quer dizer coletar informações sobre o que foi feito, o que falta fazer e se os objetivos estão sendo alcançados. Esses objetivos podem ser, por exemplo: testar tudo o que for mais arriscado, garantir que certas funções estão funcionando ou seguir o que o cliente pediu.



MONITORAMENTO, CONTROLE E CONCLUSÃO DO TESTE

Controle dos Testes: Controlar os testes é tomar decisões com base nas informações coletadas. Por exemplo:

- Mudar a ordem dos testes se algo deu problema;
- Ver se precisamos refazer algum teste;
- Ajustar prazos se algum atraso acontecer;
- Colocar mais pessoas para ajudar, se necessário.



MONITORAMENTO, CONTROLE E CONCLUSÃO DO TESTE

Conclusão do Teste: Ao final dos testes, reunimos tudo o que foi feito, os aprendizados e os resultados para deixar registrado. Isso pode acontecer:

- Quando um ciclo de testes termina;
- Quando uma parte do sistema está pronta;
- Quando o projeto é finalizado (ou cancelado);
- Quando uma nova versão do sistema é lançada.



MÉTRICAS USADAS EM TESTES (OU SEJA, COMO MEDIR O QUE ESTÁ ACONTECENDO)

Métricas são formas de medir coisas importantes. Durante os testes, usamos métricas para ver como está o andamento, a qualidade do sistema e se os testes estão funcionando. Alguns exemplos:

- **Progresso do projeto:** quantas tarefas já foram feitas, tempo e recursos usados;
- **Progresso dos testes:** quantos testes foram criados e executados, quantos passaram ou falharam;
- **Qualidade do sistema:** se ele está disponível, se responde rápido, se falha com frequência;
- **Defeitos encontrados:** quantos erros foram encontrados e corrigidos, e quão graves eles eram;
- **Cobertura de testes:** o quanto do sistema já foi testado;
- **Custos:** quanto está sendo gasto nos testes e na qualidade do sistema;
- **Riscos:** se ainda existem riscos e o quão preocupantes eles são.



RELATÓRIOS DE TESTE: PARA QUE SERVEM, O QUE TÊM E PARA QUEM SÃO

Relatórios são documentos que explicam como estão os testes. Eles podem ser feitos durante os testes (para acompanhar o andamento) ou ao final (para resumir tudo o que foi feito).

Relatórios de Progresso: São atualizações periódicas (diárias, semanais, etc.) com:

- O que foi testado até agora;
- Se está tudo dentro do previsto ou se houve atraso;
- Problemas que atrapalharam os testes;
- Métricas (como as acima);
- Novos riscos ou mudanças;
- O que será feito nos próximos dias.





RELATÓRIOS DE TESTE: PARA QUE SERVEM, O QUE TÊM E PARA QUEM SÃO

Relatórios de Conclusão: São feitos quando uma fase ou o projeto termina. Eles incluem:

- Resumo de tudo o que foi testado;
- Como o sistema está em relação à qualidade;
- Diferenças entre o que foi planejado e o que realmente aconteceu;
- Problemas que surgiram e como foram resolvidos;
- Resultados dos testes (com números e análises);
- Riscos e erros que ainda existem;
- O que aprendemos para fazer melhor da próxima vez.

Esses relatórios são adaptados para o público. Para colegas da equipe, eles podem ser simples e frequentes. Já para gestores ou clientes, geralmente são mais formais e completos.



COMO COMUNICAR O ANDAMENTO DOS TESTES

A forma de comunicar depende da equipe e da empresa, mas pode ser feita de várias maneiras:

- Conversa direta com a equipe ou outras pessoas interessadas;
- Painéis visuais (como gráficos e quadros com as tarefas);
- Mensagens por e-mail ou aplicativos de mensagens;
- Documentos online com tudo registrado;
- Relatórios mais formais e detalhados (como explicado acima).

Se a equipe estiver em lugares diferentes ou em fusos horários diferentes, a comunicação mais formal (como relatórios escritos) ajuda bastante. Além disso, diferentes pessoas precisam de diferentes tipos de informação, então a mensagem precisa ser adaptada conforme o público.



GERENCIAMENTO DE CONFIGURAÇÃO (CM)

Quando a gente está testando um sistema, é muito importante manter tudo bem organizado. ●

Gerenciamento de Configuração serve justamente para isso: ajudar a identificar, controlar e acompanhar todos os documentos e arquivos usados nos testes, como planos de teste, casos de teste, resultados e relatórios.

Pense que é como organizar uma receita de bolo: você anota os ingredientes, o modo de preparo e ainda salva várias versões da receita se fizer alguma mudança. Se você quiser voltar à versão anterior, sabe exatamente o que mudou e quando.





GERENCIAMENTO DE CONFIGURAÇÃO (CM)

No caso de testes, isso garante que:

- Cada item (documento ou arquivo) usado nos testes tenha um nome único e uma versão clara;
- A gente saiba exatamente quais mudanças foram feitas e como tudo está conectado;
- Tudo esteja bem documentado, sem deixar dúvidas.

Isso também se aplica quando os testes fazem parte de um processo automatizado (como em DevOps), onde tudo acontece de forma contínua e rápida. Nesse caso, essa organização é ainda mais essencial.





GERENCIAMENTO DE DEFEITOS

Um dos principais objetivos de testar um sistema é encontrar problemas (ou “defeitos”). Por isso, é fundamental ter um processo bem definido para **lidar com esses problemas**, desde que são encontrados até serem resolvidos.

Esses problemas podem ser reais ou apenas falsos alarmes, e o time precisa analisar cada um para decidir o que fazer. Esse processo deve ser seguido por todos que participam do projeto.

Normalmente, quando um defeito é encontrado, ele passa pelas seguintes etapas:

- Alguém registra o problema;
- O time analisa o que está acontecendo;
- Eles decidem se precisam corrigir ou se podem deixar como está;
- Por fim, o defeito é resolvido e o registro é fechado.





GERENCIAMENTO DE DEFEITOS

Esses registros de defeitos ajudam a:

- Informar as pessoas responsáveis pelo conserto do que precisa ser feito;
- Acompanhar a qualidade do sistema;
- Descobrir formas de melhorar os testes e o desenvolvimento no futuro.

Um relatório de defeito geralmente inclui:

- Um número de identificação único;
- Um título que resume o problema;
- A data e quem encontrou o defeito;
- Em qual parte do sistema ele aconteceu e em qual ambiente (por exemplo, no computador ou celular);
- O que a pessoa estava fazendo quando o problema apareceu;



GERENCIAMENTO DE DEFEITOS

- Uma descrição detalhada do erro, com passos para repetir o problema, imagens ou gravações;
- O que era esperado que acontecesse e o que aconteceu de verdade;
- A gravidade do problema (por exemplo, se ele quebra o sistema ou apenas atrapalha um pouco);
- A prioridade para corrigir;
- O status (se o problema está aberto, resolvido, aguardando teste, etc.);
- Ligações com outros testes relacionados.

Quando usamos ferramentas próprias para gerenciar defeitos, algumas dessas informações já são preenchidas automaticamente.

Esses relatórios também seguem padrões internacionais (como a norma ISO/IEC/IEEE 29119-3), que ajudam a manter tudo organizado e padronizado.



- DÚVIDAS?
- SUGESTÕES?
- RECLAMAÇÃO?
- ELOGIO?

